

A CONTAÇÃO DE LITERATURA INFANTIL: INFLUENCIAS NO INFANTE

ANTERO, Kátia Farias¹ – UEPB/FACNORTE

Resumo

Em meio a sociedade pós moderna, é verídico que o professor da atualidade deve e precisa buscar inovações em suas metodologias para desempenhar melhorias em suas práticas pedagógicas, de modo que possam facilitar cada vez mais a aprendizagem do educando. Muitos alunos, por vezes, apresentam resistências nos momentos de produções textuais afirmando não saberem o que escrever, por não terem ideias. Pensamos que a metodologia aplicada pelo professor em sala de aula é que comprova o sucesso ou o fracasso do interesse do aluno durante o cotidiano escolar. Dentre tantos processos metodológicos, acreditamos que o docente pode e deve fazer uso de contações de histórias como possível subsídio para as produções textuais mais coerentes, a fim de que os discentes sintam-se impulsionados a serem autores produtivos. Desenvolvemos esse trabalho na área da leitura de literatura para o público infante. Investigamos até que ponto a socialização durante as contações de histórias influencia no comportamento da criança, desenvolvimento da oralidade e melhor desempenho nas produções escritas de textos narrativos dos 23 alunos do 5º ano de uma escola da rede privada de ensino em Queimadas/Paraíba. Como processo metodológicos utilizamos a leitura de literaturas infantis, contação de histórias, observação, conversa informal, produções de textos narrativos, reescritas, dentre outros. Para o desenvolvimento do trabalho baseamos as nossas pesquisas nos estudos de Prado (2007), Abramovich (1997), Kuhlthau (2002), Sisto (2001), dentre outros contribuidores. Os resultados revelaram-nos que a socialização de leituras de literaturas; e a externalização de textos orais influenciaram a pluralidade das ideias dos docentes nos momentos de produzirem textos mais coerentes, e que a oralidade instigou um melhor desenvolvimento, tornando o discente mais propenso a sentir-se criativos e capazes de vencer seus próprios obstáculos na escrita. Constatamos, ainda, que o professor que busca inovar suas aulas, busca meios que facilitem o aprendizado.

Palavras-chaves: Leitura, Escrita, Narração, Inovações. Infante

INTRODUÇÃO

A palavra texto vem do latim *textum*, “tecido”, “teia”. Ensinar a uma criança a produzir texto não é tarefa simples. Compete ao professor buscar métodos que facilitem a exposição do que está intrínseco na criança e incentivá-la mostrando-lhe sua capacidade como autor.

¹Graduada em Pedagogia e licenciatura em língua portuguesa “UNAVIDA”, mestranda em psicanálise da Educação e Saúde “UNIDERC”, mestranda Ciências da Educação e Saúde “FACNORTE”, graduanda em letras – inglês “UEPB”. Email: professorakatiaantero@hotmail.com

Solicitar, apenas, que o aluno escreva um texto partindo de formas tradicionais de leitura e escrita não tem demonstrado grandes resultados. Partindo do ponto pedagógico que a educação se renova e as metodologias aplicadas pelo professor em sala de aula devem acompanhar essas renovações, faz-se necessários novos meios que atendam as necessidades dos alunos mediante o estágio de aprendizagem em que cada um deles se encontra.

Pensou-se, então, na contação de histórias como subsídio para que a aprendizagem se tornasse mais interessante e, conseqüentemente, verificar a influência da mesma nas produções textuais, já que a oralidade seria bastante enfatizada e o imaginário, estimulado.

Por ter a informação de que um número elevado de estudantes apresenta dificuldade de realizar produções textuais afirmando “não ter o q pensar”, ou “ não ter ideias para transcrever para o papel”, é que decidimos investigar a influência da contação de histórias como meio de externalizar a imaginação e, posteriormente, produzir textos coerentes. De forma que, nos momentos de contação os alunos ao invés de sentirem-se intimidados a falar, pudessem realizar as atividades propostas de forma prazerosa.

Durante a pesquisa utilizamos como metodologia a leitura de literaturas infantis, contação de histórias, observação, conversa informal, reescritas textuais e produções e análises de textos narrativos, pois, como afirma Bruner (Apud PRADO; SOLIGO, 2007, P.48) “é possível que as formas mais usuais e instantâneas que o ser humano utiliza para estruturar suas vivências e informações seja a forma narrativa”

Com o objetivo de investigar até que ponto a contação de histórias e socialização, como ferramentas metodológicas/pedagógicas, influenciam no desenvolvimento da oralidade e, conseqüentemente, uma possível melhora nos textos, é que nos embasamos nas concepções de teóricos que dedicam-se a pesquisar sobre narrações orais e escritas e produções de textos, a fim de verificar o desempenho nas produções escritas de textos narrativos após a socialização de leituras.

A LEITURA

Não podemos falar de contação de histórias, sem falar do ato de ler, pois é certamente do fascínio de contar e ouvir histórias, que nasce o fascínio de ler (SISTO, 2001 p. 47). Cada

vez mais as crianças precisam desde cedo ser incentivadas à leitura, já que ler amplia a visão do mundo. Para contribuir com a ideia de que formar cidadãos leitores, Abramovich ressalta:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (Abramovich 1997, p.16).

Quando o aluno lê e reproduz as palavras, mesmo do escrito, assume a competência de dar vida às palavras e às ideias suscitadas a partir do texto. E tudo começa a partir das escutas de histórias, já que ouvir histórias desperta a sensação de prazer, instiga a criança a ser um contador também e ainda influencia nos momentos de produções textuais. A leitura reflete no processo de aquisição da escrita de forma adequada. Concordamos com o estudioso ao afirmar que,

antes que se possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo das palavras para formar os significados. As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura. Por outro lado, a leitura tem como finalidade a formação de escritores, não no sentido de profissionais da escrita, mas de pessoas capazes de escrever adequadamente. Assim, ela fornece a matéria-prima para a escrita (o que escrever), além de contribuir para a constituição de modelos (como v). (KUHLTHAU 2002, p.50).

O PAPEL DO PROFESSOR

Estamos num mundo de aprendizado cada vez mais desafiador. É preciso criar e desenvolver novas habilidades de modo que se possam suprir as necessidades do educando. Assim, o professor tem uma grande tarefa pela frente. É preciso buscar novos métodos pedagógicos para que a aprendizagem seja mais significativa, uma vez que a forma como a metodologia será aplicada facilitará a aquisição da leitura e escrita.

Possibilitar ao aluno o desenvolvimento de sua sensibilidade expressiva é uma tarefa essencial para o educador que acredita em uma nova proposta tanto de leitura quanto de escrita.

Contudo, compreende-se que para formar leitores-autores precisamos, como professores, elaborar as estratégias a serem tomadas para alcançarmos os objetivos com sucesso.

Muitos alunos apresentam dificuldades nos momentos de escritas por uma série de razões e afirmam não saber o que escrever e nem como porque não sabem transpor para o papel. Apresentam insegurança e resistência no momento da produção textual, especificamente, textos narrativos, porque relatam não terem ideias e não saberem dar sequência aos fatos.

É aí que entra o professor com as suas habilidades no fazer pedagógico. O educador possui importantíssimo papel no processo de escrita de texto. Como mediador precisa mostrar que todos nós somos capazes de escrever e que se ele, o aluno, começar a deixar fluir a sua imaginação no momento da escrita, seus textos surgirão de forma simples.

De acordo com Prado (2005), é pelo contato com diversos textos que um aluno “experimentar” vivências alheias e pode construir as referências que sustentarão as suas escolhas.

Uma forma de inovar o cotidiano escolar são os momentos de contação de histórias. O professor como contador de histórias é instigador na busca de leituras de literaturas e formação de novos contadores que o ver como exemplo. A recreação é um dos principais objetivos de se contar histórias, porém salienta-se que sua importância está muito além: desenvolvem-se diversas formas de linguagem; forma caráter; proporcionar o prazer do imaginário; desenvolve funções cognitivas importantes para o pensamento; o raciocínio lógico; as relações espaciais e temporais.

Contar histórias, hoje, significa salvar o mundo imaginário (SISTO, 2001). O estilo de vida, reprodutor e sem individualidades, bombardeado por múltiplas invenções, acaba anulando o ato de pensar, impedindo o livre exercício da imaginação.

As narrativas são cultivadas nos diversos grupos sociais, especialmente através da oralidade, e é por isso que faz com que a narração se constitua em uma forma discursiva básica para a formação dos seres humanos.

A metodologia aplicada por professores presos ao ensino tradicional inibe a criança no momento de se produzir um texto. Onde a realização desta serve apenas de ocupação de

tempo para não se deixar os alunos sem ter o que fazer ou até mesmo como forma de punição. Dessa forma, o educando sente-se pressionado a realizar uma tarefa prazer e sem consciência do que está fazendo. O medo em produzir e a aversão acaba tendo suas raízes fincadas nas séries iniciais.

É preciso evitar que o aluno limite o seu texto a “gramatiquice” para que a produção não fique sem sentido e limite as ideias do iniciante autor.

O ALUNO: CONTAÇÃO, LEITURA E A ESCRITA

Quando a criança conta a história que leu, desenvolve, amplia seu vocabulário e criatividade, inibe a timidez, proporcionando-a a produzir textos com mais conceitos e qualidade. Reforçando, então, a afirmação de que é mais fácil a criança se comunicar oralmente porque a fala é mais corporal, mais direta e fácil de manipular. Contando histórias lidas possibilita o desenvolvimento de uma estrutura de linguagem interna mais sofisticada do que a usada no dia-a-dia, aprimorando tanto a linguagem oral quanto a escrita.

O aluno contador de histórias inicia um processo de atenção, prestando atenção ao que é narrado e verifica se as pessoas que estão ouvindo estão na expectativa de saber o próximo fato a ser narrado. Ele se sente como peça fundamental nesse jogo de contação onde há troca de sensações entre contador e ouvintes.

É observando essas concepções que a criança cria, involuntariamente, todo um cuidado no momento em que se vai à escrita. Devido ao enriquecimento do seu vocabulário, a sequência dos fatos organizam as ideias durante o momento de narrações orais, que quando se vai escrever tem-se um cuidado com os aspectos que tornem um texto, no mínimo, compreensível na ação de redigir.

O aluno é uma fonte de diversidade e por isso ele deve ser instigado á leitura de diferentes gêneros textuais. Assim, tendo acesso a diferentes tipos de histórias, percebe que o texto escrito segue as normas da língua escrita, que são completamente diferentes daquelas da linguagem falada. Á medida em que ela vai se expondo a leitura, esta se reflete na escrita e, conseqüentemente, exercitando esta última, possibilita e facilita a comunicação entre as pessoas, por isso, é necessário criar oportunidades que possibilitem o desenvolvimento dessa habilidade.

Narração nada mais é que contar histórias e a leitura que fica intrínseca em nós como leitores “regoeja-nos” fazendo-nos revelar a intimidade do que se leu revelando na oralidade o que foi absorvido da leitura. Consequentemente,

a palavra narrar vem do verbo latino narrare, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de épikos-poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se as coisas prenes da palavra, como preferia Baktin (1997), ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura. (PRADO E SOLIGO 2007, p.48)

A prática da narração de histórias como forma de conhecimento, desencadeia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da manipulação crítica e criativa da linguagem oral. E é possível em todas as fases do desenvolvimento do ser humano, assim:

... o poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência para todos. (COELHO 2001, p.13)

Se o educador souber aproveitar as oportunidades de aprendizagem que surgem no dia-a-dia, terá a oportunidade de enriquecer o seu trabalho como mediador auxiliando seus alunos nos momentos das produções dos textos em sala de aula, uma vez que, o mediador acompanhando de perto o discente poderá com mais intimidade verificar as deficiências dos mesmos na escrita das narrativas mais coerentes e significativas.

Um texto é considerado coerente quando se consegue dar sentido a ele. Este sentido “é construído não só pelo produtor como também pelo recebendo, que precisa deter os conhecimentos necessários a sua interpretação” (VAL, 1991, p.06). Por isso, é importante que o ensino da escrita seja desenvolvida em sala de aula, pois

O professor deve intervir durante o processo como um guia que proporciona a sustentação que os aprendizes necessitam para resolver os múltiplos problemas das tarefas de composição, e, desse modo ir ultrapassando pouco a pouco os conhecimentos e procedimentos requeridos para se tornarem escritores autônomos (CAMPS, 2006, p.20).

O professor passar a ser a ponte que ligará o aluno ao sucesso d aprendizado de forma que possa juntamente com o discente possibilitando a melhoria das dificuldades, bem como, mostrando a eles os avanços que conseguem obter.

ANÁLISE DE DADOS

A experiência com a presente pesquisa deu-se numa escola da rede particular de ensino, tendo como sujeitos 23 alunos do 5º ano , de ambos os sexos, na cidade de Queimadas/Paraíba campo de atuação docente da professora coordenadora deste projeto.

Caracterizada como pesquisa-ação, este trabalho proporcionou conhecimento relevantes a prática docente, bem como reflexões da professora sobre o seu próprio trabalho. No dizer de Thoiollent, a pesquisa-ação se constitui de base empírica e,

É concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT apud GIL, 2002 p. 14).

Iniciamos a pesquisa a partir de conversas informais com os alunos verificando a intimidade que eles tinham com o processo de leitura e produção de textos narrativos. Descobrimos, então, que eles gostavam de ler, mas não tinham o hábito da leitura constante. Relatavam gostar de ouvir as narrações das histórias realizadas por outras pessoas, um professor, um parente. Percebemos que eles não tinham o hábito de narrar o que liam, mas aproveitamos a preferência deles e seguimos o próximo passo.

No final da aula, cotidianamente, a professora sorteava um aluno e pedia que ele escolhesse uma literatura que ele gostaria que fosse contada pela professora. Os livros eram escolhidos previamente pela professora, que já os tinha lido e sabia bem as histórias, e os temas abrangiam a necessidade dos alunos. No término, conversava-se sobre os fatos da história e a professora levantava questionamentos sobre a narrativa e os inquietavam a fim de que dessem suas opiniões sobre determinado fato ou ato dos personagens. Enfatizava-se bastante que um texto narrativo nada mais era do que a explanação da ideias que os alunos

externalizam na oralidade. É contar uma história. Nos encontros seguintes, chegavam eufóricos para a aula querendo saber que hora e em que momento seria a contação naquele dia.

Logo após, começamos a pedir que eles escolhessem as literaturas para serem lidas e por fim, socializavam a fim de incentivar a oralidade, onde cada criança era incentivada a criticar as ações de cada personagem e sobre o desfecho do texto. Partindo, em seguida, para a escolha de um personagem específico em que o aluno tenha se identificado mais e debatiam sobre suas ações.

Em seguida, a professora solicitava que produzissem um texto com a personagem escolhida pelos alunos e imaginasse e escrevessem uma nova narração. Depois da produção, eles oralizavam o que haviam produzido e contavam a história produzida.

Em outro momento, realizamos a atividade com o “baú de histórias”. No decorrer desta, os alunos sentaram no chão em círculo e cada um deles imaginava o que teriam achado dentro de um baú imaginário e oralizava o que via e passava o baú pra o próximo aluno e assim, conseqüentemente, até terminar o círculo. Por fim, a professora instigava a imaginação e de forma simples e criativa aproveitava as oportunidades para deixar claro que escrever textos nada mais é que transpor para o papel aqui que se imagina.

Pedia-se, em outro momento, que criassem textos narrativos e os alunos escreviam, ainda sem se importar para a coesão do texto, uma vez que o objetivo seria a liberdade em escrever, tornando-os capazes de sentirem como autores de uma história.

Durante a leitura dos textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, percebiam, sozinhos, quando um fato não estava ligado a outro; percebiam quando havia incoerência e muitas vezes sem o auxílio da professora. Demonstravam prazer lendo o que produziam e gostavam de mostrar o texto elaborado para outras pessoas da escola: professores, auxiliares da escola. Quando alguém elogiava as narrativas, os alunos demonstravam muita satisfação e empolgavam-se na escrita de novos textos.

O desenvolvimento da metodologia foi de forma louvável na aprendizagem de produções textuais de muitos alunos, mas especificamente um deles que apresentava uma grande dificuldade em imaginar e transpor para o papel, bem como sua timidez a impedia de

oralizar e opinar sobre os fatos das narrativas. No entanto, com as etapas sendo postas uma a uma, essa mesma criança que dantes se renegava a participar das aulas envolvendo textos escritos, passou a tomar prazer durante a escrita e, agora tem o intuito de escrever livros. O projeto desse aluno, que progrediu destacadamente entre todos os sujeitos, é de publicar livros.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos de grande importância todas as etapas decorrentes nesta pesquisa intitulada, **A CONTAÇÃO DE LITERATURA INFANTIL: INFLUENCIAS NO INFANTE** a fim de ressaltar que através deste trabalho percebemos o quanto a busca do professor em desenvolver habilidade; renovar suas práticas no cotidiano escolar; e encontrar novas ações no seu fazer pedagógico, influencia a aprendizagem e o interesse dos alunos em se dispor a vencer suas dificuldades de produções de textos narrativos.

Durante toda a realização deste trabalho acompanhamos de perto cada ação e reação dos sujeitos em cada momento explorado. Foi estimulado o senso crítico dos alunos em relação aos fatos das narrativas. O projeto foi desenvolvido com motivação pela professora coordenadora deste.

Foi perceptível o envolvimento dos alunos durante a contação realizada pela docente e também pelos próprios alunos e, conseqüentemente, havia mais envolvimento dos mesmos com relação a produções textuais.

Os leitores tiveram a oportunidade de reconhecer que a contação das histórias auxiliou-os cognitivamente nas produções narrativas, elaborando textos mais criativos, interessantes e coerentes tornando o autor crítico e transformador. Além de elevar a auto-estima do aluno, fator esse demonstrando nos momentos de leitura e socialização das produções dos alunos.

Nos primeiros encontros as crianças mostraram-se um tanto tímidas na participação das atividades. Mas a cada momento elas nos surpreendiam demonstrando interesse em querer aprender mais e oralizar o que produziam.

Durante a realização da oralidade das narrativas realizadas pela professora percebíamos a expectativa das crianças em querer ouvi - las. Ficavam deslumbrados com cada gestos da contadora e a entonação de voz também obteve a atenção. Partindo dessa ação do

docente, os discentes queriam fazer a mesma coisa: contar, oralizar, criar, falar e só depois escrever.

Portanto, percebemos que essa prática de contação de histórias, de forma bem trabalhada, contribuiu de forma significativa e produtiva para a construção de textos cada vez mais coerentes e cheios de imaginação e que a oralidade instigou um melhor desenvolvimento, tornando o discente mais propenso a sentir - se criativos e capazes de vencer seus próprios obstáculos na escrita. Constatamos, ainda, que a prática do professor em inovar suas aulas buscando meios que facilitem o ensino aprendizagem é cada vez mais conveniente ao fazer pedagógico. Uma vez eu ele junto à escola possuem importante papel na formação de leitor/autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

CAMPS, A. Texto, processo, contexto, atividade discursiva: diferentes pontos de vista sobre a atividade de aprender e de ensinar a escrever. In: CAMPS, A. (org) **Propostas didáticas para aprender a escrever**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 13-31.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ática: 2001.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer histórias: revelações, subversões e superações**. Campinas: Alínes, 2007.

PRADO, Jason. **A construção do olhar**. Revista Leitura Compartilhadas. Ano 5. Rio de Janeiro. 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.